

QUEM DÁ A ÚLTIMA PALAVRA? REFLEXÕES SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO EDITORIAL DO JN DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Lysanne de Oliveira Ferro¹

Tratamos nesta Sessão Coordenada as construções de sentido do discurso da Rede Globo, através do seu telejornal de maior audiência, o Jornal Nacional, sobre a pandemia de Covid-19. Queremos investigar a tomada de posição-sujeito por parte da Rede Globo num momento de crise sanitária, econômica, política e humanitária, em que o presidente da República da época minimiza e ignora os efeitos do vírus. Paralelo a isso, o jornalismo vive um momento delicado com as fake news e os ataques à imprensa. Em um momento de crise, quem direciona a sociedade? Quem assume a posição-sujeito de ser a fonte para o diálogo com o povo?

Tomamos como corpus o editorial do Jornal Nacional, do dia 23 de março de 2020, em que a Rede Globo faz o seu pronunciamento sobre a pandemia. O editorial, dentro das teorias do jornalismo, é o espaço em que a empresa de comunicação explicita a sua opinião sobre determinado assunto. Aqui, analisaremos como o editorial funciona e deixa escapar sentidos quanto a postura do presidente Bolsonaro sobre a pandemia, o texto dividido entre Renata Vasconcellos e William Bonner aparece como um diálogo com o público, aponta o posicionamento da empresa quanto a pandemia, uma mensagem de aproximação em um momento de incertezas e notícias falsas.

Para encontrar caminhos que ajudem a refletir sobre as questões levantadas, que podem apontar respostas, utilizaremos a Análise do Discurso que foi fundada na França por Michel Pêcheux, difundida e teorizada no Brasil por Eni Orlandi, a partir de uma leitura marxista da construção da sociedade, como aporte teórico e metodológico. Para nós, a relação discurso midiático e a Análise do Discurso permite a compreensão do que Marx e Engels apontaram no Manifesto do Partido Comunista: a história da sociedade é a história da luta de classes, compreender os esforços em manter os interesses das classes dominantes e a utilização da mídia para isso é fundamental para que a práxis seja revolucionária. É com a AD, ligada ao materialismo histórico, que iniciamos essa investigação como metodologia e também teoria para atravessar o óbvio, o que é construído para ser naturalizado a fim de manter as coisas como são.

Por meio das categorias criadas pelos teóricos da linha que conseguimos construir caminhos que permitem compreender e analisar os efeitos de sentido do que está posto, uma vez que, o sentido de uma palavra ou frase não está em si mesmo (Pêcheux, 1995). Segundo ele, o sentido é “determinado pelas

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura da UFAL da linha de pesquisa Discurso: Sujeito, História e Ideologia

posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras e expressões, proposições são produzidas” (Pêcheux, 1995, p. 160). Ou seja, as coisas têm o sentido que tem devido aos sujeitos que a falam e esses sujeitos fazem isso a partir das posições que ocupam dentro da sociedade de classes. Assim,

O sentido é uma produção historicamente determinada – daí a importância de levar em consideração as posições ideológicas numa conjuntura determinada pelo estado da luta de classes para se chegar ao caráter material do sentido. Isso toca na questão da historicidade das relações sociais juntamente com a historicidade contraditória do sentido e do sujeito. No entanto, a ideologia funciona produzindo evidências que mascaram o caráter material do sentido (Sobrinho, 2019, p. 140).

O discurso está inserido e faz sentido a partir das condições de produção em que ele é feito. São as condições de produção que auxiliam na compreensão dos sentidos, pois explicam como o discurso é produzido dentro da luta de classes. São amplas e estritas e revelam o contexto em que os sujeitos estão inseridos para significar. “O primeiro, expressa as relações de produção, com sua carga sócio-histórico-ideológica. O segundo, diz respeito às condições imediatas que engendram a sua formulação” (Florêncio *et al.*, 2016, p. 67). Como amplas, compreendemos o capitalismo, a luta de classes e suas contradições, já como estritas o contexto imediato. No que será analisado aqui, temos como condições de produção estritas as eleições de 2018, a retomada do debate sobre o que representou a ditadura civil militar no Brasil e o apoio do Grupo Globo a ela.

O discurso significa da forma que significa por surgir a partir das posições ideológicas e do processo sócio-histórico em que o sujeito está inserido. O sujeito do dizer, para a Análise do Discurso, é constituído pela ideologia e isso nos traz uma afirmação de Orlandi (2000), “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia”. Para ela, o sujeito é constituído na e pela ideologia.

Por termos como corpus de análise o discurso jornalístico, mobilizaremos aqui formulações que relacionam a AD e os estudos midiáticos.

Tratamos nesta análise o editorial da Rede Globo apresentado no JN como acontecimento discursivo. Para compreendermos, recorremos a definição dada por Dela-Silva: “O acontecimento discursivo pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que este dizer encerra” (Dela-Silva, 2008, p. 17).

Assim, um acontecimento discursivo ocorre quando irrompe, cria uma nova discursividade sobre aquilo que aconteceu. O mesmo pode ser visto no acontecimento jornalístico, quando um acontecimento se torna notícia, gerando uma repercussão em torno do fato. Ou seja, o acontecimento jornalístico é “um fato que gera uma notícia, que por sua relevância perante a avaliação dos jornalistas do que se constitui como interesse público, merece estar presente nas edições diárias dos noticiários impressos ou eletrônicos” (Dela-Silva, 2008, p. 15).

No caso analisado, podemos avaliar o editorial um acontecimento discursivo, assim como também um acontecimento jornalístico. A Rede Globo assume um papel na história da pandemia no Brasil, ao se dirigir diretamente ao público para tentar acalmá-lo, antes do presidente da República, uma nova narrativa surge, permitindo que a credibilidade da emissora seja recuperada, em um momento em que apoiadores do presidente inflamam os ataques à emissora e aos veículos tradicionais de mídia brasileiros.

O fazer jornalístico acontece em torno de narrar um fato, falar sobre algo. Esse falar sobre algo garante ao veículo o distanciamento necessário para garantir que o público confie no que está sendo dito, além de todas as normas e técnicas que justificam e criam as condições para a construção da narrativa de imparcialidade nas notícias. O distanciamento criado na notícia permite que as empresas de comunicação façam a defesa dos seus interesses políticos, ideológicos e econômicos.

Consideramos o discurso jornalístico como uma modalidade de discurso sobre. Um efeito imediato do falar sobre é tomar objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, o sujeito enunciativo produz um efeito de distanciamento - o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc, justamente porque não se 'envolveu' com a questão. Os discursos sobre são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os discursos sobre são discursos intermediários, pois ao falarem sobre um discurso de ('discurso' origem'), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja (Mariani, 1996, p. 63-64).

O distanciamento tratado aqui permite que o jornalista, que na verdade é o porta-voz dos interesses dos donos das empresas de comunicação, que na maioria das vezes, se alinham com os interesses das classes dominantes. O discurso sobre faz com que se crie um significado específico sobre determinado tema.

Em algumas edições, além da escalada, momento em que os apresentadores trazem um apanhado das notícias que serão apresentadas ao longo das edições, há a leitura do editorial do jornal. É o momento em que a empresa de comunicação apresenta a sua opinião, através dos seus âncoras. É a representação concreta do que é importante para os donos e para os que se aliam a eles. Contudo, o jornal é montado para que essa linha editorial não fique explícita para o telespectador.

Assim, entendemos que a linha editorial é a representação da forma-sujeito do discurso, o eixo ideológico que norteia os sentidos. No entanto, esse gesto de interpretação é velado, na tentativa de expor uma almejada "objetividade jornalística", em que os fatos fariam por si, produzindo um efeito de evidência, uma ilusão de transparência de sentidos (Moreira, 2016, p. 73).

É preciso, antes de iniciar a análise, contextualizar o momento em que o pronunciamento da Rede Globo sobre a pandemia acontece. Em 23 de março de 2020, data que o JN faz o seu pronunciamento, o Brasil já havia registrado mortes devido a Covid-19; o Ministério da Saúde já reconhecia a transmissão comunitária do vírus; os governadores criavam medidas próprias para conter o vírus e evitar aglomerações. Enquanto isso, todas as falas do então presidente, Jair Messias Bolsonaro, minimizava os riscos de uma

pandemia que ceifou a vida de mais de 600 mil brasileiros, culpava a mídia pela “histeria” e “superdimensionamento”, ignorava todas as recomendações nacionais.

Bolsonaro travou uma espécie de guerra contra qualquer veículo que questionasse suas medidas ou declarações durante todo seu mandato. Na pandemia, os ataques à imprensa se intensificaram à medida em que Bolsonaro ignorava os riscos da Covid-19. A Rede Globo assumiu uma posição-sujeito combatente, no seu principal telejornal, o Jornal Nacional, se tornou uma voz de crítica e desaprovação do governo. Colocamos aqui uma das Sequências Discursivas analisadas neste trabalho.

SD1 - Mas, olha, o porquê dessa pausa aqui no JN hoje. A gente também precisa respirar, a gente precisa entender que essa crise vai ter altos e baixos, vai exigir sacrifícios, mas no fim o Brasil e o mundo vão superar. Apesar da aflição, apesar da dor que muitas famílias estão enfrentando e outras ainda vão enfrentar, a gente vai superar esse momento junto e vai ser mais fácil quanto mais a gente manter a calma. É isso, além dos cuidados com a higiene, o principal pedido hoje, pra quem pode, é ficar em casa, até que venha orientação para sair. Mas claro que alguns profissionais não podem cumprir essa ordem, né, porque fazem um trabalho essencial, não podem parar. Isso vale para quem é profissional da saúde, esses são heróis, sempre os heróis, mas é verdade também para quem recolhe o lixo das ruas, para os policiais, para quem faz a manutenção da rede elétrica, da telefonia, por exemplo, e para muitos outros.

Aqui, vemos essa construção de “ponte”, do jornalismo com a população, é o discurso direto, que só permite uma única compreensão, a desejada pelos donos do veículo. Isso faz com que a Rede Globo, através do JN e de seus âncoras, ganhe credibilidade. Pois, a relação entre o telejornal e o público é baseada em confiança. Para que a Globo mantenha a audiência, o telespectador precisa confiar que aquela informação que está sendo passada é verídica. A construção da notícia é feita de tal forma para que ela seja lida como o fato em si, criando um efeito de evidência (Moreira, 2016).

O noticiário do horário nobre da Rede Globo conquistou sua credibilidade ao longo desses anos, o que consolidou o Padrão Globo de Qualidade, que faz com que a emissora seja referência para suas afiliadas e suas concorrentes. As escolhas das palavras só permite essa compreensão, isso acontece para que os sentidos outros não escapem. Por isso, o discurso jornalístico é um discurso pedagógico autoritário, que direciona os sentidos para que os interesses ideológicos sejam esquecidos. Ali só cabe uma interpretação, a que a empresa deseja.

Ao assumir uma postura diferente da do presidente, que até então não havia feito um pronunciamento para a população, a Rede Globo assume uma posição-sujeito de combate ao presidente nas questões da pandemia. O editorial apresenta um efeito de evidência que à primeira vista parece ser óbvio, o papel social do jornalismo em momentos de crise, a preocupação com a pandemia, a responsabilidade social. Este é o sentido construído com o editorial, de que a maior preocupação da emissora é com a segurança do seu público. Contudo, apaga uma questão econômica principal, a queda de

braço entre Rede Globo e Jair Bolsonaro não se dá só pelas falas negacionistas, para que se cumpra o papel social da empresa de informar, mas principalmente pelo embate financeiro.

A disputa de narrativa entre a Globo, através do JN, e o Presidente ultrapassa o território da ideologia e se consolida nas questões financeiras. Os ataques de Bolsonaro não se limitam ao discurso em uma entrevista ou pronunciamento. Ao longo do seu mandato, Bolsonaro cortou algumas vezes verbas publicitárias que seriam destinadas à Rede Globo, direcionando a maior fração da verba publicitária para emissoras de TV às emissoras que apoiam abertamente o seu governo, SBT e RecordTV, ainda que a TV Globo ainda lidere a audiência na maior parte do tempo.

Assim, é possível evidenciar também que essa postura adotada pelo JN a partir da pandemia é permeada de esquecimentos intencionais para resguardar os interesses da emissora. O discurso construído na pandemia pelo telejornal apaga intencionalmente todo o histórico de que o JN e a imprensa brasileira em geral contribuíram ativa e incisivamente para que Bolsonaro fosse eleito presidente do Brasil.

Escapa também o apagamento da relação entre os dois sujeitos, que só é estremecida a partir dos interesses econômicos. Bolsonaro não foi apresentado no período eleitoral como uma ameaça, pois representava naquele momento os interesses das classes dominantes no embate com o candidato do PT, Fernando Haddad.

É preciso recordar também que, durante os quase dois anos de pandemia, Bolsonaro se colocou contra a ciência, contra as recomendações sanitárias e contra a imprensa. Em muitos de seus discursos, Bolsonaro tenta se desvencilhar da posição-sujeito-presidente que ocupa. Uma posição-sujeito que já significa antes dele, carrega em si sentidos que já significaram antes. Como aponta Orlandi (2013) "Qualquer presidente que assuma a posição-presidente do Brasil, deve ocupar esta posição sujeito histórico-politicamente constituída que já o significa antes mesmo que ele (ou ela) o signifique" (Orlandi, 2013, p. 133).

É importante ressaltar que esse tensionamento entre Bolsonaro e JN não foi constante na relação entre as duas partes. O discurso de ódio, carregado de preconceito e informações distorcidas sempre fizeram parte da figura política que está no meio político há décadas. Durante as eleições presidenciais, que foram decididas entre Bolsonaro e Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), esse discurso de Bolsonaro não saltava como preocupação. A partir do momento que Bolsonaro investe em ataques à imprensa e a Rede Globo, especificamente, a forma pela qual o discurso do mesmo passa a ser apresentado de maneira mais contundente, entretanto esse posicionamento determinado por parte da linha editorial do JN se limita apenas ao conteúdo discursivo de Bolsonaro, se esquivando, por exemplo, de tratar da política econômica de seu governo (chefiada por Paulo Guedes) como uma questão problemática dentro do seu mandato. A disputa se dá também no terreno econômico, devido à mudança na distribuição de verbas para as emissoras.

Além disso, é possível perceber outro tipo de embate, pelo controle da narrativa, quem falará sobre a pandemia no Brasil? A quem será dada a credibilidade para falar sobre o que aconteceu? O “padrão Globo de qualidade” garante à emissora que o que ela relata como fato seja validado. O discurso funciona, aqui, na manutenção do status quo e dos interesses ideológicos e econômicos da classe dominante.

REFERÊNCIAS

DELA-SILVA, Silmara. **O Acontecimento Discursivo da Televisão no Brasil**: A Imprensa na Constituição da TV como grande mídia. 208. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp/SP, Campinas, 2008.

FLORENCIO, Ana Maria Gama *et al.* **Análise do discurso**: fundamentos & práticas. Maceió: EDUFAL, 2009.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Betânia. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso, Palhoça**, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MARIANI, Betânia. **O comunismo imaginário**. Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 -1989). Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1996.

MOREIRA, Maria Rachel Fiúza. **Histórias (e)ditadas**: um arquivo que se quer memória. Tese (Doutorado em Linguística) – PPGLL, UFAL, Maceió 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6476/1/Hist%c3%b3rias%20e%29ditadas%20um%20arquivo%20que%20se%20quer%20mem%c3%b3ria.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MOREIRA, Maria Rachel Fiúza. **A (Des)ordem do mundo na ordem do espelho**: efeitos de sentido no sequenciamento das notícias no Jornal Nacional. Dissertação (Mestrado em Linguística) – PPGLL, UFAL, Maceió, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/6244/1/A%20%28des%29ordem%20do%20mundo%20na%20ordem%20do%20espelho%20an%c3%a1lise%20dos%20efeitos%20de%20sentido%20no%20sequenciamento%20das%20not%c3%adcias%20no%20Jornal%20Nacional.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 1995.